

CAÇA- TALENTOS

por **Alex Capella**
fotos **Carlos Hauck**

FREDERICO BELÉM

Pode-se dizer que a missão de Frederico Belém é “caçar” os melhores profissionais para a área dos negócios. Responsável pelo escritório em Belo Horizonte de uma empresa especializada em consultoria em recursos humanos, Frederico brinca: “Saímos à caça. Se o profissional está empregado, a empresa que se cuide”.



Na antiguidade, mais do que uma legião de soldados, para se ter poder, um reino deveria ter “talentos”. A palavra significava “moeda”. Isso explica em parte porque os caçadores de talentos, conhecidos como headhunters, vêm ganhando espaço até fora dos grandes centros. Afinal, toda empresa quer possuir em seus quadros profissionais sob medida para transformar trabalho em dinheiro.

Não há números sobre o mercado de headhunting em Minas. Mas não é tão incomum se deparar com algum caçador de talentos pelas ruas de Belo Horizonte. Além da abertura de empresas especializadas em recrutamento de executivos, a capital mineira vem atraindo a atenção de quem atua no ramo em outras capitais. A movimentação se dá em função dos investimentos feitos, principalmente, pelos setores minerador e siderúrgico.

Os dois segmentos, puxados pela demanda internacional, sofrem com a carência das chamadas lideranças técnicas, ou seja, profissionais para atuar na gerência de plantas, produção, manutenção, manufatura, logística, engenharia e obras. “Belo Horizonte vem recebendo grande volume de recursos e, conseqüentemente, as empresas estão demandando bons profissionais”, diz Frederico Belém, responsável pelo escritório da Fit RH Consulting na capital mineira.

Apesar do acirramento do mercado, Belém faz questão de lembrar que esse “caçador” de talento não anda armado pelas selvas urbanas e nem arranca a cabeça de suas vítimas para seus clientes. Porém, como todo bom caçador, precisa conhecer bem o território e usar armas modernas de seleção para abater suas presas, no caso, os candidatos que representam seu campo de trabalho. “Conhecer o mercado e ter relacionamento é fundamental para o trabalho do headhunter”, afirma.

Agora, mesmo com a injeção de investimentos na indústria instalada em Minas, quem conhece o mercado do estado sabe de suas limitações. Por isso, parte significativa dos candidatos selecionados para vagas de média e alta gerência nas empresas locais sai de outras companhias, de outros estados ou até de fora do Brasil. “Busquei um profissional que atuava em Moçambique para uma posição de diretoria em uma multinacional com operação em Minas”, revela Belém.

O headhunter, contudo, garante que os mineiros têm bagagem para concorrer com executivos do eixo Rio-São Paulo. Segundo ele, Minas, além de um parque industrial diversificado, possui respeitado núcleo educacional. “A Fit entrevista, em média, cinco candidatos por dia. Muitas empresas, com sede em outros estados, constantemente assediam os executivos de Minas”, assegura.

Aqueles que passam pela seleção tornam-se profissionais disputados. Tanto que a procura maior que a oferta está levando as empresas a ajustarem seus pacotes de benefícios. Consequência disso é que os salários dos executivos estão cada vez mais altos. Além de salários, as empresas têm aberto os cofres e negociado vantagens, como o aumento no percentual de remuneração associada ao desempenho – uma espécie de seguro contra os caçadores que, muitas vezes, se tornam uma espécie de “ladrões de talento”. “Saímos à caça. Se o profissional está empregado, a empresa que se cuide”, brinca Belém.

